

**BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)
E ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Noelma Oliveira Barbosa (FURG)
noelma_barbosa@hotmail.com

RESUMO

Com o presente trabalho buscou-se compreender como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) conceitua “o eu, o outro e o nós” enquanto campo de experiências para o trabalho com a educação infantil, no que se refere à relação eu/outro e a partir da concepção de linguagem que o documento assume, ou seja, a partir da linguagem de orientação enunciativo-discursiva. O estudo adota como aporte teórico e metodológico o dialogismo do círculo de Bakhtin e releituras. Essa perspectiva entende que a produção de sentidos ocorre no diálogo entre múltiplos discursos, que o discurso do sujeito sempre se encontra com o discurso de outrem, e que é por meio do discurso que esse sujeito se posiciona perante si (o eu para mim) e perante outros (o eu para o outro e o outro para mim). A análise desenvolvida mostra que o texto da Base considera a interação como espaço em que as crianças constroem seu ponto de vista, percebem e compreendem o dos outros, assim, reforça a importância do diálogo como espaço de constituição dos sujeitos. Embora o termo alteridade não apareça, é essa noção que está colocada no cerne da definição dada ao campo de experiência em questão.

Palavras-chave:

Alteridade. Dialogismo. Educação infantil.

ABSTRACT

The aim of this study was to provide an understanding of how the National Common Core Curriculum conceptualizes "the self, the other and the us" as a field of experience for working with pre-school children, in terms of the self/other relationship from the perspective of the document's understanding about language, in other words, from the standpoint of enunciative-discursive language. The study is based on Bakhtin's circle of dialogism and its reinterpretations as a theoretical and methodological contribution. According to this perspective, the production of meanings involves a dialog between multiple discourses, that the subject's discourse always encounters the discourse of others, and that it is through discourse that these subject positions itself in relation to itself (the self for me) and in relation to others (the self for the other and the other for me). The analysis carried out demonstrates that the text of the Common Core National Curriculum considers interaction as a space in which children construct their standpoint, perceive and understand that of others, thus reinforcing the relevance of dialog as a space for the constitution of subjects. Although the term alterity does not appear, it is this notion that is at the heart of the definition given to the field of experience in question.

Keywords:

Alterity. Dialogism. Pre-school education.

1. Introdução

A concepção enunciativo-discursiva de linguagem busca compreender a linguagem humana além do sistema linguístico de Saussure, para além das significações da língua, a partir de uma orientação que vê a palavra de forma ativa, dentro de um contexto social, histórico e ideológico, uma palavra que se torna outra sempre que em uso. Assim, uma orientação que se dá no sentido e no movimento da transformação. Essa é a perspectiva dialógica do círculo²⁰ de Bakhtin.

Para Bakhtin, é nas relações dialógicas que ocorre o acontecimento do ser. Há uma movência dos sentidos nos usos da linguagem que deve ser entendida sempre em relação aos significados e valores ideológicos que preenchem a linguagem. Isso produz possibilidades sobre os modos de estar na linguagem, algo de interesse crescente para a área da educação, sobretudo, na busca de estratégias para lidar com a heterogeneidade dos aspectos que envolvem o sujeito em sua relação com o outro, com a complexidade do mundo contemporâneo e, conseqüentemente, com políticas educacionais.

Com base nessas questões, o presente estudo visa compreender como a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) conceitua o campo de experiências o “eu, o outro e o nós”, no que se refere à relação eu/outro e a partir da concepção de linguagem que assume, ou seja, a partir de uma linguagem de orientação enunciativo-discursiva. O texto apresenta, seguindo esta *introdução*, o tópico *dialogismo bakhtiniano*, entendendo-o como *o encontro com outrem* e uma noção acerca de como essa teoria reúne as perspectivas enunciativa e discursiva; em seguida, temos o tópico *alteridade dialógica*, uma breve discussão sobre a relação eu/outro enquanto constitutiva do sujeito; na sequência, o artigo traz *a alteridade na BNCC e a etapa da Educação Infantil*, com excertos do texto da Base sobre a etapa de educação infantil e respectiva análise sobre os aspectos da alteridade dialógica contemplados neles, seguidos da *conclusão*.

²⁰ O chamado círculo de Bakhtin foi um grupo de estudiosos que se ocupou do pensamento russo do século XX, enfocou a centralidade das questões de relevância social e de criação artística, incluindo importantes reflexões sobre a linguagem.

2. Dialogismo bakhtiniano – o encontro com outrem

O século XX foi de grande relevância para os estudos dos fenômenos da língua. O Curso de Linguística Geral²¹, de Ferdinand Saussure, que trouxe o reconhecimento da língua como sistema de signos, foi (sem dúvida) o marco mais importante para as pesquisas na área. Entretanto, com o avanço dos estudos na área das ciências humanas em geral e o crescente interesse por compreender o ser humano e suas relações sociais, históricas e culturais, tornou-se necessário considerar, nos estudos linguísticos, que há uma assimetria entre os seres e suas realidades e que isso faz produzir diversidade nos atos e usos da língua.

Na segunda metade desse século, os estudos linguísticos passaram a dar mais atenção à linguagem além do sistema linguístico, de uma maneira que se pudesse considerar o objeto língua em ação. Nessa modalidade, a unidade de estudo passa das palavras ou frases, como no sistema, para os enunciados e discursos produzidos na enunciação. Estes contam com a língua dada, com sua estrutura e os significados dicionarizados, mas levam em conta também o dizer, que não pode ser apartado do contexto que o gerou. Significa dizer que enunciados são produzidos ao interagirmos com outros interlocutores, ao fazermos uso da linguagem; logo, devem ser entendidos a partir de uma esfera social de uso concreto da linguagem.

Para Volóchinov (2021, p. 155), compreender a língua com suas manifestações requer pensá-la sob duas tendências, “para a primeira tendência a língua é um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo, para a segunda tendência a língua é um arco-íris imóvel que se ergue acima desse fluxo”. Conforme esse pesquisador, a riqueza da interação entre os seres tem base na primeira delas, ou seja, no fluxo de atos discursivos, que se produz por meio de enunciados ativos. Esse é um princípio desenvolvido pelo círculo de Bakhtin em toda a sua formulação teórica.

Na concepção de linguagem, segundo Bakhtin e círculo, ao produzir enunciados o sujeito entra em relações dialógicas e estas são a condição

²¹ Curso de Linguística Geral é uma obra póstuma de Ferdinand Saussure, publicada em 1916. Nele, o autor traz as chamadas dicotomias da língua, que definem o que deve ser considerado ao se fazer um estudo científico da linguagem, foi a consolidação da Linguística enquanto ciência moderna. Em suas considerações, língua é eleita, em oposição à fala, como objeto central da Linguística.

para a realização interdiscursiva da linguagem, pois é somente nesse processo que construímos sentido discursivo. Sobral (2009, p. 32) explica que essa concepção é chamada de dialógica porque “propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal”²².

Logo, essa dialogia não existe no sistema da língua, mas é produzida pelo uso da linguagem. Significa dizer que as formas linguísticas e seus significados, dados pelo sistema linguístico, produzem relações dialógicas somente quando envolvidos no fenômeno da interação entre os sujeitos. Nesse sentido, Sobral e Giacomelli (2016, p. 1079) esclarecem que as palavras que aprendemos a usar são aquelas vindas da interação que estabelecemos, via linguagem, com outras pessoas, de nossos pais a tantas outras pessoas que encontramos na vida. Assim,

Criamos enunciados únicos a partir de outros enunciados e usamos palavras e frases não como vindos de gramáticas ou dicionários, mas a partir de seu uso em enunciados concretos, reais, ditos por alguém em algum momento e lugar a alguém com uma dada intencionalidade, carregados de valor, de valoração. [...] as palavras, antes de serem assimiladas e usadas por nós, são palavras alheias, palavras dos outros; depois, elas passam a ser como uma sociedade: meio nossas, meio dos outros, palavras próprias-alheias, sendo que só mais tarde elas se tornam palavras nossas. Isso mostra o que é dialógico: o fato de as palavras passarem a existir para cada um de nós no diálogo, na interação e de os enunciados conversarem inevitavelmente uns com os outros. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1079-80)

Nesse sentido, as formas da língua são a base material dos enunciados e têm um significado, que é dado e se repete. Para Sobral e Giacomelli (2016, p. 1080), “a frase é da língua, e o enunciado é do discurso, sendo, portanto, mais do que frase. Logo, discurso envolve interação e não somente língua”. Dessa maneira,

A língua permite produzir frases, que têm significações, e o discurso usa frases para criar enunciados. O locutor usa enunciados na interação (o contato com interlocutores), e a interação acontece em um contexto. A enunciação cria uma união entre a significação das palavras e frases (nível na língua) e seu uso no discurso, que cria os sentidos do que é dito (nível da linguagem). (SOBRAL; GIACOMELLI, 2017, p. 452)

Nesse entendimento, as circunstâncias em que essas formas da língua são usadas são únicas e irrepetíveis e, ao mobilizar os significados, fazem produzir sentidos, produz discurso. Ao enunciado como um todo

²² Sobral (2009) esclarece que subjetividade aqui é entendida ao mesmo tempo em termos psíquicos, sociais e históricos.

Bakhtin chamou de tema. Para entendermos o tema de um enunciado, precisamos compreender além dessas formas linguísticas, saber como ele foi dito e em que contexto foi dito, ou seja, é necessário saber onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito (SOBRAL, 2009; SOBRAL; GIACOMELLI, 2020; 2017; 2016).

Conforme Sobral e Giacomelli (2016), um enunciado tem três componentes: um componente ligado à referencialidade, que dá conta do fato de que o enunciado fala de alguma coisa do mundo; um componente ligado à expressividade, que dá conta da avaliação/valoração do locutor sobre esse referente, e; o componente ligado à endereçabilidade, que dá conta do fato de todo enunciado ser dirigido a alguém. Cada enunciado é carregado de especificidades, como emoção e juízo de valor, é único e irrepetível, com entonação e apreciação própria.

O nosso discurso interior, que nos possibilita realizar a enunciação, é formado pela heterogeneidade dialógica de vozes sociais e se concretiza no curso da comunicação verbal. Os limites dessa enunciação se configuram pelos pontos de contato que estabelecem com o meio extra verbal e verbal (isto é, as outras enunciações). Nesse sentido, Fiorin (2016, p. 30/31) adverte que “um discurso pode ser tanto um lugar de encontro de ponto de vista de locutores imediatos (...) como de visões de mundo, de orientações teóricas, de tendências filosóficas, etc.”, visto que o enunciado se dirige “não somente a um destinatário imediato, cuja presença é percebida mais ou menos inconscientemente, mas também a um superdestinatário, cuja compreensão responsiva (...) é determinante da produção de sentido”²³.

O enunciado nasce do discurso do outro, e a enunciação individual é também um fenômeno sociológico, porque “as leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas” (VOLÓCHINOV, 1929, p. 130). Sempre que alguém produz um enunciado, está participando de um diálogo com outros discursos. Assim, construindo relações de sentido que são históricas, pois o enunciado traz sempre “ecos e lembranças de outros

²³ Compreensão responsiva diz respeito à responsividade. Bakhtin chamou de atitude responsiva a expectativa de resposta, que é própria dos enunciados dentro do processo dialógico. Um enunciado é sempre resposta a outro anterior e, por sua vez, suscita uma resposta. Numa atitude responsiva ativa, o ouvinte concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes, já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (VOLÓCHINOV, 1929).

enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, prespõe e assim por diante” (FIORIN, 2016, p. 24).

Para Bakhtin, o enunciado é uma realidade sígnica e todo signo é ideológico, pois recebe uma valoração social, sua natureza é estar carregado de valores e relacionado a um contexto. Nesse sentido, linguagem e ideologia estão intrinsecamente ligadas. Conforme Sobral e Giacomelli (2016a, p. 1083), não há dizer ingênuo, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz. Assim, todo enunciado atende a um projeto de dizer.

Os signos são usados no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083)

Para a teoria de Bakhtin, o enunciado, assim, reflete as realidades específicas e as finalidades de cada esfera de utilização da língua, como a igreja, o trabalho (numa fábrica, na política, num jornal, num hospital etc.), a escola, os grupos de amizade, esporte e assim por diante. Cada uma das esferas de atividade humana elabora tipos de enunciados que Bakhtin disse serem *relativamente estáveis*. São assim, porque, conforme Fiorin (2016, p. 68), a condição dessas esferas de atuação é que produz “certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividade” (FIORIN, 2016, p. 68). Estamos falando do conceito de gêneros do discurso.

Para a dialogia de Bakhtin, os sujeitos conversam (interagem) por meio de gêneros, cujas características (marcas linguísticas e enunciativas) estão relacionadas com a realidade das esferas de atividades a que pertencem. Sobral e Giacomelli (2016b, p. 48) afirmam que “os gêneros não se reduzem nem à forma nem ao conteúdo, nem ao texto nem ao contexto. Eles integram a organização social dos sujeitos, as maneiras de interagir, com os aspectos linguístico-textuais mais estritos”. Para esses pesquisadores, a especialidade do gênero enquanto enunciado está em realizar o tema.

A relativa estabilidade dos gêneros do discurso é fruto da própria historicidade das interações sociais, e sua riqueza e diversidade “são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”; “em cada campo dessa atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 262). O que promove essa mudança é a dinâmica no uso que os interlocu-

tores fazem desses gêneros. Embora se observe alguma mudança na organização do texto, essa se deve à mesma dinâmica. Também pode ocorrer de sua espécie de texto permanecer e o gênero mudar, a exemplo do e-mail, que nasceu no meio digital e conserva elementos do gênero carta (SOBRAL, 2009; SOBRAL; GIACOMELLI, 2017; 2016). Os gêneros mais corriqueiros do cotidiano são os chamados *gêneros primários*; os mais elaborados, dentro de esferas mais complexas, são os *gêneros secundários*.

3. *Alteridade dialógica*

Para teoria dialógica de Bakhtin, a realidade fundamental da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, que ocorre por meio de enunciações. Para esse pensamento, a língua, tomada em uso concreto, tem a propriedade de ser dialógica. E “essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face (...) Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos” (FIORIN, 2016, p. 21).

Sobral (2009) adverte que o enunciado e o discurso, por mais “fechados” ou “subjettivos” que sejam, continuam a ser dialógicos, porque: não pode haver enunciado sem sujeito enunciadador; o sujeito não pode agir fora de uma interação, mesmo que o outro não esteja fisicamente presente, e; não há interação sem diálogo, mesmo no caso do “discurso interior”. Ao conceituar dialogismo, esse pesquisador aponta três planos distintos dessa noção, o primeiro deles designa em primeiro lugar a consideração essencial do próprio ser e agir dos sujeitos. Situação em que “o sujeito só vem a existir na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos, nunca em abstração desses sujeitos e desses atos”. Nesse sentido,

A existência do sujeito humano (que é mais do que um ser biológico) está fundada na diferença, no confronto entre um “isto” e um “aquilo”, um “eu” e um “tu”. A criança vem ao mundo como um ser biológico que só se torna ser social na interação com outros seres que vieram antes dela. O fato de essas pessoas terem vindo ao mundo antes não faz a relação desses sujeitos com ela deixar de constituir o ser delas, visto que não se trata de uma relação de uma só direção em que a criança é receptáculo do que os outros lhe “transmitem”, mas sempre de uma inter-relação. Claro que o peso específico dos adultos nessa fase é maior do que o da criança, mas nem por isso ela deixa de afetá-los, e mesmo de manipulá-los; a criança cedo descobre como fazê-lo! (SOBRAL, 2009, p. 35)

O segundo dialogismo de que trata esse estudioso designa em segundo lugar a condição de possibilidade da produção de enunciados/discursos, do sentido, lembrando que o sujeito adquire a linguagem em contato com os usos da linguagem nas situações a que é exposto. Nessa perspectiva, isso implica que o sentido nasce de diálogos entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros que podem vir a ser produzidos.

[...] antes mesmo de pronunciar uma só palavra diante do outro, seja qual for a materialidade da expressão, o sujeito já está “respondendo” a esse outro, “antecipando-se” a objeções suas, “perguntando-lhe” algo, questionando-o e questionando a si mesmo (“devo dizer isso?” “devo dizer assim?” etc.). (SOBRAL, 2009, p. 36)

Por fim, o terceiro dialogismo apontado por Sobral (2009, p. 36) é “a base de uma forma de composição de enunciado/discursos, o diálogo”, que “não se restringe às réplicas “mostradas” de uma interação na superfície textual”. Assim, quando se diz a si mesmo sobre alguma coisa “não é tão ruim assim”, aquele que o diz está respondendo a um enunciado “nãodito”: “é ruim”, “é bem ruim” etc. “No caso da representação do diálogo no discurso, tanto marcado por aspas ou travessões etc. como não marcado, há uma oposição de forma com respeito à forma de composição monológica”.

Em todos os casos, para Bakhtin, há no discurso, um confronto de vozes. Cada voz é única, mas, ao falar, cada sujeito traz de certo modo sua versão de mundo, “percebe-se com clareza que todo discurso (e mesmo toda palavra) é arena, lugar de enfrentamento, de presença do outro” (Sobral, 2009, p. 36). Significa que “nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1979, p. 314-18 *apud* SOBRAL; GIACOMELLI, 2020, p. 10). Conforme essa perspectiva, “na composição do sentido, não há nada que esteja acima da formação e independente da ampliação dialética do horizonte social” (VOLÓCHINOV, 2021, p. 238). Para Bakhtin, o diálogo²⁴ é a forma mais simples e mais clássica da comunicação verbal. Nesse processo, o enunciador sempre leva em conta o discurso do outro para construir o seu próprio discurso. O diálogo, assim, é constituído por

²⁴ Para essa perspectiva, “diálogo é um fenômeno textual e um procedimento discursivo englobado pelo dialogismo, sendo apenas um de seus níveis mais evidentes no nível da materialidade discursiva” (Sobral, 2009, p. 34). *Relações dialógicas* “são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 323).

múltiplos discursos, produzidos por palavras que são signos sociais ideológicos.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não se pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1988, p. 88 *apud* FIORIN, 2016, p. 21)

Para o círculo de Bakhtin, a linguagem é uma forma de viver a ética enquanto ato responsivo responsável, a partir da alteridade no e para o diálogo. Esse ato são encontros que acontecem do ser com o mundo e com os outros em momento único. Nele, o sujeito posiciona-se de forma responsiva perante a si mesmo (é o eu para mim) e perante outros sujeitos (é o eu para o outro e o outro para mim) por meio de discursos conhecidos e valorados.

O ato de que Bakhtin fala não é somente um ato físico, é também um ato de pensar, de enunciar, de apreciar algo, posicionar-se. É nesse ato que se manifesta a unicidade do sujeito, a consciência de seu lugar único, que implica responsabilidade (pois cabe somente ao ser em sua unicidade realizá-lo). Petracca (2018) afirma que o ato em Bakhtin é um aspecto basilar na existência humana, o sujeito que o realiza está intrinsecamente ligado ao contexto que o gerou. Assim, o ato concreto realizado pelo sujeito é o modo como ele se apresenta ao mundo, que Bakhtin chamou o evento do ser, o ser humano compreendido como evento único (MOSER *et al.*, 2019).

Fora desse posicionar-se responsável e responsivamente perante o outro, não há alteridade dialógica, pois em torno do ato há sempre uma rede dialógica. O enunciado que o sujeito produz, como já vimos, sempre leva em conta o discurso de outrem. Assim, todo enunciado vem (inevitavelmente) de um sujeito de linguagem e dialoga com uma multiplicidade de discursos sociais. É nesse sentido que acessamos um objeto por meio dos discursos relacionados a ele, por meio da relação entre sujeitos. Logo, o objeto sem discurso se torna vazio.

Nesses termos, “a alteridade, entendida como a presença do outro nos enunciados e na vida de cada locutor, é constitutiva da identidade

deste, que se define assim em contraposição ao outro” (SOBRAL; GIA-COMELLI, 2020, p. 10). É nesse sentido que, conforme Bakhtin, o sujeito está sempre atrelado a outros sujeitos, cuja consciência individual é construída a partir do diálogo. Para o filósofo, nossas palavras nós as tomamos da boca dos outros, pois antes de serem ditas por nós, outros já as disseram.

Ponzio (2021, p. 21) corrobora, ao afirmar que o enfoque de Bakhtin sobre os problemas da cultura “tende a pôr em discussão a categoria de identidade em favor da alteridade”. Conforme esse pesquisador, nosso encontro com o outro não se realiza com base no respeito ou na tolerância, que são iniciativas do eu, pois independentemente dessas iniciativas, é o outro quem lhe impõe alteridade irredutível. Para o autor,

O diálogo não é uma proposta [...], mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence a outros. O diálogo não é um compromisso entre o eu, que já existe como tal, e o outro; ao contrário, o diálogo é o compromisso que dá lugar ao eu: o eu é esse compromisso, o eu é um compromisso dialógico – em sentido substancial, e não formal - e, como tal, o eu é, desde suas origens, algo híbrido, um cruzamento, um bastardo. A identidade é um enxerto. (PONZIO, 2021, p. 23)

O sujeito é um ser de linguagem e é por meio dela que ele está ligado ao mundo e pode com ele interagir. É por meio da alteridade que ocorre a criação do eu e de sua identidade e é por meio dela que o sujeito está ligado ao produto cultural. Para Ponzio (2021), apesar de todos os seus esforços, o eu não consegue conter a palavra, a entoação e os pensamentos alheios dentro dos limites de sua identidade: “tudo o que revela a alteridade escapa da identidade do eu” (PONZIO, 2021, p. 24).

Bakhtin acredita na historicidade viva do sujeito e na construção dialógica do pensamento, de modo que a maneira com que dialoga com interlocutores por meio de sua teoria, centrando-se nas questões de significado na vida social em geral, é sempre uma abertura a possibilidades. Essa abertura é o carácter dialógico da obra e do pensamento desse estudioso, um convite a subverter os discursos totalizantes. Sobre isso, eis o que diz o pesquisador Brandist (1995)²⁵

As visões-chave do círculo são as de que a produção linguística é essencialmente dialógica, formada no processo de interação social, e que isso leva à interação de diferentes valores sociais sendo registrados em termos de

²⁵ A fonte dessa informação, a Internet Encyclopedia of Philosophy, ‘não divulga datas de publicação específicas’. O ano de 1995 refere-se à data de sua fundação.

reintegração do discurso de outros. Enquanto o estrato dominante tenta postular um único discurso como exemplar, as classes subordinadas tendem a subverter esse fechamento monológico. (BRANDIST, 1995, [s.p.]

Nesse sentido é que Bakhtin afirma ser as leis de geração da linguagem também leis sociológicas. “Sempre estamos imersos em vozes sociais, em palavras outras (...) às quais constantemente somos chamados a responder, resultando em atitudes que revelam o nosso modo de ser e estar no mundo” (MOSER *et al.*, 2019, p. 282-3). Há uma criatividade nos usos da linguagem que deve ser entendida sempre em relação aos significados e valores ideológicos. Assim, há na língua possibilidades de dizer, concretizadas apenas na interação entre os sujeitos.

Essa abertura a possibilidades sobre os modos de estar na linguagem, sobre a perspectiva da alteridade dialógica, vem interessando cada vez mais à área da educação. Isso ocorre porque, como observam Moser *et al.* (2019, p. 310), essa perspectiva teórica atende a realidade escolar tanto como estratégia para encarar os desafios em lidar com as heterogeneidades do mundo contemporâneo, que pede novas formas de educar a cada dia, quanto pela própria natureza interacional da escola, pois, ao lidarem com o contexto escolar, “gestores, funcionários, professores ou alunos: todos carregam um pouco da alteridade com a qual se relacionam”. Observa-se que as diretrizes educacionais têm se movimentado nessa direção, como é o caso da BNCC.

4. A alteridade na BNCC e a etapa da educação infantil

É sabido que as crescentes reflexões sobre linguagem, que consideram uma orientação enunciativo-discursiva, foram de grande contribuição para respaldar as discussões linguísticas realizadas nas últimas décadas, sobretudo, as que produziram as Orientações Curriculares para a Educação Básica nos anos de 1990 e início da década seguinte. Tais reflexões apontam, por meio das diretrizes produzidas, o caminho em que as propostas curriculares devem seguir para direcionar a organização didática para o ensino de língua na educação básica. Sobre essa questão, o texto dos PCN afirma que,

[...] o sentido atribuído às formas simbólicas está relacionado aos usos que os grupos fazem dos sistemas nos quais elas se encontram; portanto é variável, assim como são distintos os grupos sociais. Mas o sentido também está relacionado ao contexto efetivo em que se dá a interação, à singularidade de seus participantes, às suas demandas, a seus propósitos, aos papéis sociais nos quais eles se colocam etc. Em suma, pode-se dizer que o sentido

é indeterminado, surge como efeito de um trabalho realizado pelos sujeitos. (BRASIL, 2006, p. 25)

Tais orientações curriculares já apontavam para uma preocupação em se organizar os conteúdos de ensino e as situações de aprendizagem a partir da consideração das múltiplas interações entre os sujeitos e destes com os contextos da vida social. Essa mesma preocupação, de uma maneira geral, se observa no texto da BNCC, que diz:

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história”. (BRASIL, 2018, p. 67)

Ao definir a perspectiva de linguagem assumida enquanto “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica”, a compreensão da Base parece ser a de unicidade do ser humano, manifesta enquanto este interage com o mundo e consigo por meio de atos irrepetíveis. Nessa mesma direção, ser a linguagem “um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade” remete a ideia de que há um ressoar de vozes e valores na interação entre os sujeitos que determina o modo como encaramos o ensino língua.

O texto prevê que, no decorrer da Educação Básica, os estudantes desenvolvam competências gerais, que possam lhes assegurar “uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (p. 23). Ao incluir a Educação Infantil como etapa da Educação Básica, esse dispositivo determina que seja ela o início dessa caminhada, dessa maneira, busca uma ‘base sólida’ a partir da qual todos os conhecimentos serão construídos. Assim, dispõe sobre essa etapa de ensino como sendo “o início e o fundamento do processo educacional” (p. 36).

Isso requer inovação no modo de trabalhar os conteúdos da educação Infantil, sendo em torno dos *direitos de aprendizagem e desenvolvimento* que deve acontecer a organização curricular para essa etapa de ensino, sobretudo, os *campos de experiências*. Estes representam uma abordagem interdisciplinar, cujo objetivo é construir uma base prática e consistente para as demais etapas de ensino. A organização didática para a Educação Infantil está estruturada no recorte que segue:

Quadro 1: Educação infantil na BNCC.



Fonte: BNCC (Brasil, 2018, p. 25).

Como se observa nesse recorte, a BNCC estabelece cinco campos de experiências essenciais, a partir das quais “as crianças podem aprender e se desenvolver” dentro daquilo que lhes assegura como *direitos de aprendizagem e desenvolvimento*, conforme os *eixos estruturantes* para essa etapa de ensino (interações e brincadeiras).

[...] seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BRASIL, 2018, p. 37)

Em termos enunciativo-discursivos, o documento nos faz pensar que há um entendimento acerca da compreensão responsiva a ser considerado no trabalho escolar já nessa primeira fase de escolarização. Uma observação importante é que o texto da base enfatiza essa responsividade ao considerar que as crianças devem ser levadas a “vivenciar desafios e a *sentirem-se provocadas* a resolvê-los”²⁶, entendendo que, nessas mesmas “situações”, elas “possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural”. Isso remete à questão da *alteridade*, como algo fundamental para o êxito das crianças no processo de ensino/aprendizagem.

²⁶ Acrescentamos os grifos.

Esse entendimento nos parece mais claro quando o texto passa a discorrer sobre os chamados campos de experiência, explicando que estes constituem “um arranjo curricular que *acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana* das crianças e seus saberes, *entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural*”²⁷ (p.40). São os comportamentos e habilidades em torno dessas situações que constituem, para a Base, as *aprendizagens essenciais*, postas como *objetivos de aprendizagem e desenvolvimento*. Essa maneira de definir os campos de experiências, então, parece afirmar, nesse ponto da Base, uma noção clara de dialogismo, ao dizer que esse arranjo “acolhe” a historicidade das crianças, ao mesmo tempo em que reconhece o ‘entrelaçamento’ de suas vivências cotidianas com o produto cultural mais amplo.

Mais adiante, o documento discorre mais detidamente sobre a presença do outro na formação do estudante, embora o termo alteridade não seja mencionado diretamente. O campo de experiências que tomamos para análise neste trabalho designa-se como **o eu, o outro e o nós**, e como observado no quadro acima, esse é o primeiro dos cinco campos de experiências de que trata a BNCC, para a educação infantil. Este traz um conjunto de saberes ou competências que envolve a convivência da criança com o mundo e com os outros. Com esse campo, a Base acredita que é “*na interação com os pares e com adultos* que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que *existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista*”²⁸ (p. 40).

Ao mencionar “interação com os pares e com adultos” como espaço em que as crianças constroem seu ponto de vista, percebem e compreendem o dos outros, o texto remete à importância do diálogo como espaço de constituição dos sujeitos. É a importância da alteridade que está posta, pois o que se vê é a ideia de um sujeito que precisa da interação com o outro para construir a sua própria identidade, “um modo próprio de agir, sentir e pensar”. Isso nos leva também às reflexões que Bakhtin faz acerca da própria palavra como elo (enunciado) dessa interação. Para esse pensamento, não existe a primeira nem a última palavra, porque não há limites para o contexto dialógico. Nesse sentido, a palavra é tomada socialmente, ela ocorre como fenômeno da estrutura social, é carregada de sentido, logo, ela é dialógica por natureza (VOLÓCHINOV, 2021).

²⁷ Acrescentamos os grifos.

²⁸ Acrescentamos os grifos.

Nessa direção, o texto da Base continua esclarecendo que, “conforme [as crianças] vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), [elas] constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais” (p. 40). Assim, reconhece que o sujeito constrói a sua identidade é a partir da relação com o outro, sem o qual não seria possível. Essa questão remete à ideia de sujeito relacional em Bakhtin, o sujeito que é constituído pelo outro ao mesmo tempo que o constitui, um sujeito que está ligado ao produto cultural e social por meio do ato (responsável e responsivo), realizado dialogicamente. Conforme esse pesquisador, nos “elementos de *expressão* (...) se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro)”, pois “o ser da expressão é bilateral”, só se realiza na interação dessas duas consciências (BAKHTIN, 2017, p. 58).

A BNCC termina sua explanação sobre o conceito desse campo de experiências, **o eu, o outro e o nós**, dizendo que: “nessas experiências, elas [as crianças] podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos”. Essa afirmação (da mesma forma que os excertos anteriores) nos parece inequívoca sobre o entendimento acerca da alteridade dialógica, do quão importantes são as relações dialógicas na construção do sujeito e necessárias para que as crianças ampliem o modo de “perceber a si mesmas e ao outro” condição sem a qual estes não podem existir, pois é por meio da alteridade que o sujeito constrói a sua identidade, entendendo-se um sujeito singular e plural ao mesmo tempo.

Os objetivos de aprendizagens e desenvolvimento do referido campo de experiências giram em torno do reconhecimento do espaço físico e do *outro*, para que os estudantes possam entender a si mesmo e o que os torna diferentes: é o perceber-se perante os outros e a partir dos outros, sempre reforçando a interação “com outras crianças da mesma faixa etária e adultos”. Assim, tais objetivos propõem que as crianças possam demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as dos outros, bem como adaptar-se ao convívio social, respeitando suas regras básicas e manifestando “interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida” (p. 44-5).

Ressalta também a importância de a escola desenvolver aprendizagens que levem as crianças a comunicarem suas necessidades, desejos e emoções, fazendo uso produtivo da linguagem, no sentido de compreender

o outro e fazer-se compreendido. Ainda, que elas possam “perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos” e demonstrar empatia e “atitudes de cuidado e solidariedade na interação” com os outros, percebendo que estes possuem sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir diferentes. Nesse sentido, essas aprendizagens essenciais devem buscar “ampliar as relações interpessoais” e desenvolver “atitudes de participação e cooperação”, além de visar o uso de “estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações”. (p. 44-5).

Assim, percepção, reconhecimento e respeito para com *outrem* estão postos pelos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, para o campo de experiências em questão, como forma de sustentação para que ocorra a articulação e desenvolvimento das aprendizagens essenciais ao educando. Da forma como estão colocados, tais objetivos implicam em assunção de posturas que são éticas e responsáveis para com o outro e consigo mesmo, como em Bakhtin: no sentido de que “todo dever ético nasce em situação, ou seja, mantém a estrutura comum que compartilha com outros deveres éticos, mas se realiza de maneira específica, dependente da situação concreta (SOBRAL, 2021, p. 31). Logo, a interação verbal e extraverbal²⁹ entre os sujeitos é o princípio norteador dessa etapa educacional, que é o início e o fundamento da Educação Básica.

5. Conclusão

A concepção enunciativo-discursiva de linguagem é a perspectiva assumida pela BNCC. Esta considera que as crianças aprendem a diferenciar-se e identificar-se como seres individuais e sociais, conforme vivem suas primeiras experiências sociais. O texto propõe que as relações de aprendizagens entre os estudantes devem ser conduzidas com vistas ao contexto de suas vivências.

A análise de como a BNCC realiza a explanação acerca do campo de experiências **o eu, o outro e o nós**, objeto de estudo deste artigo, permite-nos retomar o objetivo deste estudo e considerar que esse dispositivo entende o referido campo como base para os conhecimentos a serem desenvolvidos nas demais etapas da educação básica. A análise desenvolvida a partir dos excertos apresentados, mostra que o texto entende que as crianças desenvolvem a sua identidade, ao mesmo tempo em que “constroem

²⁹ *Interação e Brincadeiras* são os eixos estruturantes da Educação Infantil, conforme a BNCC.

percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros”, à medida que vivem suas primeiras experiências sociais. Ou seja, o sujeito constrói a sua identidade é a partir da relação com o outro.

Ao considerar a interação como espaço em que as crianças constroem seu ponto de vista, percebem e compreendem o dos outros, o texto reforça a importância do diálogo como espaço de constituição dos sujeitos. Embora o termo alteridade não apareça nesses trechos analisados, é essa noção que está colocada no cerne da definição dada ao campo de experiência em tela. Isso remete à ideia de sujeito relacional em Bakhtin, um sujeito constituído pelo outro ao mesmo tempo que o constitui. Logo, o que se vê é um sujeito que precisa da interação com o outro para construir a sua própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2017.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BRANDIST, Craig. *Círculo de Bakhtin*. Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <https://iep.utm.edu/bakhtin-circle/>. Acesso em: janeiro/2023.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOSER, Avelino; NAUKOSKI, E. Araujo; LOPES, L. Fernando; PETRACCA, R. Mendonça. *Ética, Estética e Educação*. Curitiba: Intersaberes, 2019.

PETRACCA, R. Mendonça. *Música e alteridade: uma abordagem bakhtiniana*. Curitiba: Appris, 2018.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miottello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SOBRAL, Adail U. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. *Gêneros discursivos, as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____. GIACOMELLI, Karina. Educação dialógica alteritária: uma reflexão. *Línguas & Letras*, v. 21, n. 49, 2020.

_____. _____. Gêneros na escola: uma proposta didática de trabalho. *Linguagem & Ensino*, v. 20, n. 2, 2017.

_____. _____. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, 2016.

_____. _____. Gêneros, marcas linguísticas e marcas enunciativas: uma análise discursiva. In: SOUZA, S.; SOBRAL, A. (Orgs). *Gêneros, entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas*. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução feita a partir do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2021 [1929].